

Ressentimento e Melancolia na poética drummondiana de *Claro enigma*

Mônica Jácome de Lucena¹

Resumo

Esse trabalho procura analisar como traços de melancolia e ressentimento surgem na forma dos poemas em *Claro enigma* e tornam-se elementos que configuram coerência à obra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Foram escolhidos poemas como “Dissolução”, que dá tom ao volume, posto que a poética seja constituída de resíduos e fragmentos, e um eu lírico reflexivo e preocupado com temas recorrentes como família, história e a própria poesia. Sob a perspectiva do olhar drummondiano sempre “cismado”, foram realizadas leituras dos demais poemas: “A ingaia ciência”, “Fraga e sombra”, “A mesa”, “Os bens e o sangue” e “Mortes das casas de Ouro Preto”, confrontados com outros poemas, e uma fortuna crítica selecionada sobre o poeta especialmente os estudos de: Antonio Candido, Iumna Simon, Homero Vizeu e Betina Bischof. Assim foi direcionado este trabalho.

Palavras-chave: poesia brasileira, melancolia, ressentimento, Carlos Drummond de Andrade

Abstract

This work aims to analyze how traces of melancholy and remorse are brought up from the structure of poems in *Claro Enigma* and become elements that bring coherence to the work of the poet Carlos Drummond de Andrade. The poems that were chosen, like “Dissolution”, give the tone to the volume, since that poetic is constituted of residuals and fragments and a reflective poetic self, concerned with recurrent themes as family, history and poetry itself. Under Drummond’s look, always “brooded”, the reading of the other poems of the book had been presented: “A ingaia ciência”, “Fraga e sombra”, “A mesa”, “Os bens e o sangue” and “Mortes das casas de Ouro Preto”, confronted with others and with a selected critique fortune about the poet, specially the studies of Antonio Candido, Iumna Simon, Homero Vizeu and Betina Bischof. That’s how this work is oriented.

Key-words: Brazilian poetry, melancholy, remorse, Carlos Drummond de Andrade.

¹ Mestre em Literatura

Área de concentração: Literatura e práticas sociais. Linha de pesquisa: Crítica da história literária

Título da pesquisa: “Ressentimento e melancolia na poética drummondiana em *Claro enigma*”

Universidade de Brasília

email: monicajlucena@gmail.com

História, resquício e resíduo

Esta pesquisa, que culminou em tese de mestrado, procura analisar como traços de melancolia e ressentimento surgem na forma de poemas em *Claro enigma* e tornam-se elementos que configuram coerência à obra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Para a leitura empreendida, da consagrada obra do poeta mineiro, buscase, por meio de estudos já realizados, definir uma articulação entre literatura e história e também forma poética e sociedade

Para este artigo, especificamente, foi escolhido o poema “Mortes das casas de Ouro Preto”, em que se apresenta um eu-lírico reflexivo e preocupado com o tema: história do Brasil, matéria recorrente na obra do poeta. Sob a perspectiva do olhar drummondiano, sempre “cismado”, e amparado pela fortuna crítica selecionada sobre o poeta, especialmente os estudos de: Homero Vizeu, Betina Bischof e Alexandre Pilati, procura-se analisar como a questão histórica se transfigura em poesia.

O passado e a história são temas recorrentes da poesia drummondiana: Itabira, a decadência das minas, a dissolução dos bens e da família. É possível enxergar nos poemas a corrosão do tempo e o passado que se mantém sob a aparência de resíduo. De acordo com Bischof, o resíduo “sobrante da lenta dissolução a que é submetido o universo anterior, forma um dos grandes temas da poesia de Drummond” (2005, p. 72). Percebemos que dos resíduos, dos restos que permanecem no presente é que se constitui o fazer poético drummondiano.

Bischof nota que a experiência pessoal do poeta, o *gauche* pertencente ao clã mineiro, está vinculada aos acontecimentos históricos, ou seja, à decadência do ciclo do ouro em Minas Gerais e também à lenta dissolução dos bens e dos costumes da família.

De acordo com a estudiosa, não se deve separar a poesia fragmentada de Drummond da decadência histórica de toda a região de Minas, um processo que vem ocorrendo desde a crise iniciada no século XVIII, e que tem no poeta memória

cativa.

O declínio econômico deste passado de ruínas afia, ainda mais, o olhar já crítico do poeta, e, através desse processo histórico, o faz pensar no tempo presente que se configura “escurecido” e que assim repercute na poesia composta de resíduos.

Segundo a autora:

Essa seria a forma encontrada pelo poeta mineiro de pensar o presente como resultado do tempo histórico que tende à dissolução, à queda e ao fim. “A derrocada do ouro tem, desse modo, para Drummond, um sentido tanto objetivo, histórico, quanto metafórico; o poeta se vale do quadro de dissolução para pensar e significar outras matérias em derrocada, no mundo. (BISCHOF, 2005, p.76)

O esgotamento do ouro, para Drummond, além do sentido histórico, pode ser tomado também como reflexão acerca de outros elementos em dissolução no mundo e, por conseguinte, tornam o tempo presente sombrio.

Segundo a autora, o poema

se curva sobre Minas, vendo esse espaço de eleição, predominantemente, como palco de dissolução e derrocada, e de certo modo afia, no exercício que vislumbra a queda, o olhar sobre o resultado daquela dissolução (o tempo presente, os homens presentes), que incorpora, da dissolução de que é resultado, o feitiço permeado de negatividade. (BISCHOF, 2005, p. 89)

Pilati vai mais além ao lançar a hipótese de que o poema “Os bens e o sangue”

se configura como resíduo que resume o “crime fundador” da História brasileira. Nesses termos, poder-se-ia dizer que o poema aponta para a exposição do sentido da história da nação, assumindo a forma de paródia de um contrato de compra e venda. Esse sentido está na permanência do resíduo (o sarro da boca dos parentes mortos), que é, afinal de contas, a marca ‘praga’ lançada sobre o poema (sobre o Brasil?) pelas classes proprietárias. (PILATI, 2009, p. 162)

Mais do que a história em permanente dissolução, que atesta Bischof,

assim como os bens, os costumes da tradição mineira, que resultam no olhar negativo do poeta, Pilati provoca ao colocar a questão da responsabilidade das classes proprietárias pela manutenção de um Brasil rural, emperrado, arcaico que convive como uma “praga” no tempo presente. Esse “resíduo patriarcal” de que fala o crítico, e que repercute na poesia de Drummond, deixa transparecer a culpa de um eu lírico atormentado entre negar e aceitar “os bens e o sangue”. Nesse sentido, a particularidade do remorso e da cordialidade perpassam os poemas que giram em torno dos temas família e história, principalmente em *Claro enigma*.

Pelo viés da dissolução, como recomenda Bischof, analisaremos o poema “Morte das casas de Ouro Preto” de *Claro enigma*, que faz parte do caderno intitulado “Selo de Minas” que indica carimbo, chancela, marca, timbre.

Rememranças, mortes, perdas.

O poema “Morte das Casas de Ouro Preto” será analisado sob esse prisma da história em constante dissolução pela corrosão do tempo. Agora não são os bens que se desfazem por decadência econômica, por contratos de compra e venda como no poema “Os bens e o sangue” do mesmo volume. É a cidade que se desfaz, a urbe símbolo de uma Minas enriquecida; de acordo com Vizeu, “cidade crucial da América portuguesa dentro do sistema colonial fortalecido pelo ciclo do ouro” (2008, p.143)

O poema é todo em redondilhas maiores, dispostos em sétimas por doze estrofes. O poeta apropriou-se da consoante linguodental /t formando aliterações no primeiro verso, que lembram o início da chuva imitando sons de pingos esparsos e as anáforas se repetem como o ritmo monorrítmico dessa “chuva alegórica” (MERQUIOR, 1975, p.163) que percorre todo o poema. Ao mesmo tempo, essa chuva é a metáfora da morte, da corrosão, do fim, da aniquilação dessas casas que simbolizam o Brasil colonial, nossa herança patriarcal. A sintaxe poética calcada no *enjambement* dá o movimento contínuo ao poema assim como a chuva que não para de cair sobre “as paredes” dessas “casas”.

Sobre o tempo, sobre a
taipa, a chuva escorre. As

- paredes que viram morrer
os homens,
- 1 que viram fugir o ouro,
 que viram, reviram,
 viram,
 já não veem. Também morrem.

(ANDRADE, 2010, pp.84-87)

As anáforas “que viram” (v.v.3-5) com os verbos conjugados no passado fazem das “paredes” testemunhas oculares da história. No último verso “já não veem. Também morrem.” um corte abrupto, pois os verbos estão conjugados no presente, constatando que essa história morreu, findou, declinou e não existem mais aquelas “casas” que a tudo presenciaram, fazendo uso da prosopopeia para humanizar as “casas” “que viam”, “não veem” mais e “morrem”.

- Assim plantadas no
outeiro, menos rudes que
orgulhosas na sua
pobreza branca,
- 2 azul e rosa e
 zarcão, ai,
 pareciam eternas!
 Não eram. E cai a chuva
 sobre rótula e portão.

(ANDRADE, 2010, pp.84-87)

Aliteraões em “T” e mais aliteraões em “R” e “k” “plantadas no outeiro” (grifo nosso) acertam a localização, “menos rudes que orgulhosas” personificam e colorem “branca” “zarcão” as casas que “pareciam eternas” e “não eram”. E assim a chuva continua a cair, a minar as “casas de Ouro Preto”. Tudo isso reforça a ideia da corrosão, basta ver a composição fonética da palavra **corrosão**.

- Vai-se a rótula crivando
como a renda
consumida de um
vestido funerário.
- 3 E ruindo se vai a porta.

Só a chuva monorrítmica
sobre a noite, sobre a
história goteja. Morrem as
casas.

Morrem severas. É
tempo de fatigar-se a
memória

por muito servir ao homem,

4 e de o barro dissolver-
se. Nem parecia, na
serra,
que as coisas sempre
cambiam de si, em si. Hoje,
vão-se.

(ANDRADE, 2010, p.p.84-87)

Na terceira estrofe a “rótula” é o sujeito do período que vai do primeiro ao terceiro verso. A rótula, sinônimo de gelosia [Do italiano *gelosia*] 1.grade de fasquias de madeira cruzadas intervaladamente, que ocupa o vão de uma janela; rótula.2. janela de rótula. (FERREIRA, 1986, p. 681), por isso crivada, perfurada pela chuva qual desenho de renda que compõe a imagem de um “vestido funerário” e assim o eu lírico acolhe a morte. Enquanto isso, a “chuva monorrítmica”, com a mesma melodia e frequência, esfacela a arquitetura das “casas” e “vai-se a rótula” e “vai a porta”. E a anáfora “sobre a noite, sobre a história” a repetição enfatiza a continuidade da chuva e a conseqüente corrosão arquitetônica. Novamente a metáfora da “noite”, recorrente na obra do poeta mineiro, agora aparece associada à história, “noite” que pode significar obscuridade, ignorância, desconhecimento sobre a história que tende à dissipação, ao esquecimento. Assim “Morrem as casas”, lentamente como a história, no ritmo do gotejar da chuva.

No último verso da terceira estrofe, “as casas” têm função de sujeito e inicia a quarta estrofe como sujeito elíptico “morrem severas”. Essa continuidade é reforçada pela a ideia da chuva ininterrupta e da também permanente corrosão do tempo.

“E segue-se o comentário que vai do abstrato (matéria) ao conteúdo altamente determinado pela história, já que a matéria se desmancha por ter servido ao homem. Apesar das aparências em contrário, não haveria estabilidade alguma, estando a matéria sempre submetida à ação corrosiva do tempo (cambiam de si, em si)”.

(ARAÚJO, 2008, p.145)

As “casas” representam a matéria que dissolve, assim como elas, a memória, a história, o passado. Contudo, “nem parecia...que as coisas sempre cambiam de si em si”

, ou seja, apesar das aparências, a matéria não é durável, é passível de deterioração. É a dor do poeta de coração partido diante do aniquilamento da história, com a chegada da modernização, que traz consequências também para a literatura. O poeta passa a conviver com o tédio pelo fim da literatura como projeto empenhado em transformar socialmente o Brasil. Assim Homero Vizeu reflete sobre esse momento em que

“o campo literário autônomo, com seu conseqüente formalismo e especialização do trabalho artístico, estabelece uma relação tensa com certa consciência do fim do mundo letrado. Consciência que contribui com força para definir o caráter histórico do *ennui* de *Claro enigma*”

(ARAÚJO, 2011, p.145)

O tédio (*ennui*) a que Vizeu se refere está vinculado ao fato de se viver num país onde permanece o atraso que bloqueia o desenvolvimento da nação. Resta o ressentimento, por saber que os projetos formativos, que antes faziam parte do empenho da literatura, hoje tem papel irrelevante perante um público de iletrados. A modernidade trouxe o rádio e a televisão, meios auditivos, que agradam ao grande público, que pouco lê. Em vista disso, a literatura participou de um processo de especialização e tornou-se arte para poucos, os letrados, quando ainda é mais restrito o número de leitores de poesia. Isso para o “maior poeta público”, não ter quase público, foi um dilema que Drummond passou a problematizar por meio da estética. Seus poemas constituídos por um vocabulário de português arcaico trazem de volta o passado que permanece especialmente em *Claro enigma*. Essa

poesia hermética exige um leitor mais atento, que demande tempo para decifrar seus enigmas.

Voltemos à análise de “Mortes das casas de Ouro Preto”. Conserva-se no poema o viés da dissipação, da dissolução, do fim. Mas, agora não são as “casas” e sim o “chão” o agente da ação.

O chão começa a
chamar as formas
estruturadas

faz tanto tempo. Convoca-as

5 a serem terra outra vez.
Que se incorporem as árvores
hoje vigas! Volte o pó

a ser pó pelas estradas!
(ANDRADE, 2010, p.p.84-
87)

Nesta estrofe, “o chão” tem a função de sujeito, não mais “as casas”, que são chamadas a retornarem à terra, que voltem “a ser pó”, num convite à “aniquilação”. E prossegue o apelo para que as “vigas” se congreguem às “árvores”, num retorno ao pó. Assim a ponderação sobre a “decomposição prossegue colada à realidade das ruínas periféricas do sistema colonial” (VIZEU, 2008, p.145), o que sugere desaparecimento de um tempo histórico quando só restam vestígios, que são a matéria de que se compõe a poesia.

A chuva desce, às
canadas. Como chove,
como pinga no país das
reminiscências!

6 Como bate, como fere,
como transpassa a
medula, como punge,
como lanha o fino
dardo da chuva

- mineira sobre as colinas!
Minhas casas fustigadas,

minhas paredes zurzidas,
- 7 minhas esteiras de
 forro, meus cachorros
 de beiral, meus poços
 de telha-vã estão
 úmidos e humildes.
 Lá vão, enxurrada
 abaixo, as velhas casas
 honradas em que se
 amou e pariu,
- 8 em que se guardou
 moeda e no frio se
 bebeu.
 Vão no vento, na
 caliça, no morcego, vão
 na geada.

(ANDRADE, 2010, pp.84-87)

Na sexta, sétima e oitava estrofes a sequência de anáforas destaca a força da chuva que “desce, às canadas”, que significa antiga medida de capacidade equivalente a 2622 litros (FERREIRA, 1986, p.265). No decorrer das estrofes, a chuva que, no início, gotejava torna-se cada vez mais forte e passa a ser uma enxurrada.

No verso “Como chove, como pinga no país das lembranças” o poeta não usa lembrança, mas rememoração, embora sinônimos o segundo termo não é usual, mas foi o escolhido por ser uma palavra antiga, de um português arcaico. Que intensifica a ideia de um passado histórico que permanece no presente. No verso, foi usado para adjetivar a cidade de Ouro Preto que foi erguida ao status de país. Como bem aponta Vizeu, “A antiga Vila Rica é agora elevada à condição de país das lembranças, esse arcaísmo que mais reforça o caráter antigo da memória ali presente. Não são lembranças, ou relembração, mas rememoração” (ARAÚJO, 2008, p.146). Trata-se, pois, de um arcaísmo que é marca do Brasil colonial, rural e patriarcal, traços presentes ainda na contemporaneidade.

Nos versos (2-6, a anáfora “como” aliada aos verbos “fere”,

“traspassa”, “punge” e “lanha” todos significativos de tortura e dor destacam o sentido do desgosto causado pelo “fino dardo da chuva”, chuva essa devastadora que levará as “casas”, e destruirá as “lembranças”. E na sétima estrofe, as anáforas “minhas casas”, “minhas paredes”, “minhas esteiras”, “meus cachorros” e “meus paços” reforçam a posse sobre objetos e seres significativos para o eu-lírico. Tanto que são humanizados, pois estão “úmidos e humildes” perante a força da destruição dessa chuva.

A oitava estrofe descreve o percurso dessa enxurrada que carrega as “casas abaixo”, “casas” “em que se amou e pariu”, “ em que se guardou moeda/ e no frio se bebeu”, local de nascimento, segurança e acolhimento, tudo isso foi levado pela enxurrada. As “casas” passam de “formas estruturadas” para “caliça” que significa [de um adjetivo *caliço*, de cal, substantivado.] é pó ou fragmento de argamassa ressequida que resultam da demolição de obra de alvenaria (FERREIRA, 1986, p. 257), ou seja, as “casas” se pulverizam lentamente. A dissolução, a dissipação da história se realiza nos versos pela imagem sugerida “Vão no vento,/ na caliça, no morcego, vão na geada”.

O poema vai terminando assim como a chuva vai diminuindo e, num chuvisco, o poeta reflete sobre o resultado da enxurrada:

Enquanto se espalham
outras em polvorentas
partículas sem a vermos
fenecer.

9 Ai, como morrem as
casas! Como se deixam
morrer!
E descascadas e
secas, ei-las
sumindo-se no ar.

Sobre a cidade
centro o olhar
experimentado,

10 esse agudo olhar afiado
de quem é dono do assunto.
(Quantos perdi me
ensinaram.) Vejo a coisa
pegajosa,

- vai circunvoando na calma.
- Não basta ver morte de
homem para conhecê-la bem.
- Mil outras brotam em nós,
- 11 à nossa roda, no chão.
A morte baixou dos
ermos, gavião molhado.
Seu bico vai lavrando o
paredão
- e dissolvendo a cidade.
Sobre a ponte, sobre a
pedra, sobre a cambraia
de Nize, uma colcha de
neblina
- 12 (já não é a chuva forte)
me conta por que
mistério o amor se
banha na morte.

(ANDRADE, 2010, p. 84-87)

Diante da aniquilação das casas de Ouro Preto, o eu lírico passa a refletir sobre a morte, em meio a “polvorentas partículas”, aliterações em /p/ que expressam sonoridade explosiva, quando tudo volta a ser “pó”. E não as vemos “fenecer”, ou seja, não as vemos morrer, extinguir lentamente. E num lamento “Ai, como morrem as casas!

Como se deixam morrer!” com o uso da interjeição, da exclamação, o eu lírico clama nesses versos, com a dor da perda que punge e fustiga como o “dardo fino da chuva mineira”. E finaliza a nona estrofe “E descascadas e secas,/ ei-las sumindo no ar” (grifo nosso) as aliterações em /s/ expressam o movimento sibilante dos fragmentos do que foram as “casas de Ouro Preto” que sumiram no ar.

A décima estrofe anuncia um eu-lírico de “agudo olhar afiado” e “experimentado” refletindo sobre a cidade. Um eu-lírico que foi testemunho da morte das “formas estruturadas”, que davam sustentação à história de um Brasil colonial, de um passado, de tradições da família mineira.

Podemos também supor que a morte das “casas” significaria a perda das estruturas, tanto físicas (objetivas), simbolizada pela arquitetura, quanto emotivas e

psicológicas (subjetivas), a perda da história, da memória, das tradições. O verso comentário “(quantos perdi, me ensinaram)” afirma a experiência “de quem é dono do assunto”, douto em perdas e por isso percebe a “coisa pegajosa” sempre presente. Essa “coisa pegajosa”, que é a imagem da morte que o poeta vê pairando no ar “circunvoando”, voando em círculos, mas “na calma” como quem está a espreita armando o próximo bote.

E neste raio até onde o olhar alcança na cidade destruída, o eu-lírico “cisma” sobre a morte do homem, que parece ser apenas mais uma no universo de mortes passíveis de ocorrer. É assertivo no “não basta ver a morte de homem para conhecê-la bem” e enumera as outras mortes que “brotam em nós, /à nossa roda, no chão.”, a morte de outras vidas ou objetos como as “casas” que representam história, vida, ali em “as velhas casas honradas/ onde se amou e pariu”, a memória está configurada nas “casas de Ouro Preto”. E a perda dessa memória pode constituir a morte da história e a desestruturação família mineira (ou seria brasileira?). E o “gavião molhado vai lavrando o paredão”, ave de rapina, por isso carnívora, que aqui representa o agente da morte que vai escavando a parede até torná-la pó e desaparecer no ar. O “paredão” das “casas”, imagem da estrutura que parecia indestrutível, no poema é destruída pelo gavião, que, assim como a chuva alegórica, é agente da aniquilação.

Na décima segunda e última estrofe, a dissolução é descrita já no primeiro verso “dissolvendo a cidade”. A anáfora “sobre a **p**onte, sobre a **p**edra” (grifo nosso) com as aliterações em /p/ e /r/ que remetem a obstáculos, num tropeçar na ponte e na pedra, pedra também palavra recorrente na obra drummondiana, símbolo de impasse, reforçam a imagem devastadora da enxurrada e a reflexão do eu-lírico sobre a dissolução da história das “Casas de Ouro Preto”. A sequência finalizada pela significativa imagem que emana do verso “sobre a cambraia de Nize”, que nos remete a um bordado fino e a “Nize o nome (anagramático) de uma musa do lirismo da Arcádia, cara a Cláudio Manoel da Costa, poeta e magistrado em Vila Rica.” (MERQUIOR, 1975, p.165). Essa citação é impregnada de historicidade sendo um símbolo da Arcádia. O poeta metáforiza o céu como “uma colcha de neblina”, imagem do fim do temporal e a chuva agora é chuvisco, e fica a pergunta do eu-lírico “me conta por que mistério/ o amor se banha na morte”. Não poderíamos

supor que as mortes, as perdas, aumentam o amor porque amor é vida e o contrário da morte?

O enfrentamento desse passado histórico sem benevolência, de Drummond, na seção “Selo de Minas”, não deve ser considerado um movimento solitário do poeta, pois, como afirma Vizeu, “o assunto estava na ordem do dia de nosso alto modernismo” (2008, p.15).

Nos anos 50, Ouro Preto desempenha o papel que depois do tropicalismo veio a ser desempenhado pela Bahia. Relíquia viva, fonte e foco da nacionalidade. Assim como o Romanceiro de Cecília e os poemas de Drummond, há Contemplação de Ouro Preto, de Murilo, há sonetos de Bandeira e há seu pioneiro Guia daquela cidade, há, enfim, a poesia de Henriqueta Lisboa (MORICONI, 2001, p. 91).

Porém, esse ajuste de contas de Drummond com o passado histórico e colonial tem suas peculiaridades, seu olhar é desmistificador e melancólico. A Inconfidência é referência histórica de heroísmo, mas o poeta reflete sem patriotismo pela via da “culpa histórica” e da melancolia. Uma vez que constata a corrosão do tempo, metaforizada pela “chuva” e pela força da natureza devastadora que destrói a cidade histórica, símbolo de um período colonial de riqueza e decadência da exploração do ouro. Depois da exploração das minas, restou à estagnação na cidade. A ameaça da ruína das “casas” que poderiam desaparecer com as chuvas, que no poema se realiza. O que permanece é a melancolia do eu lírico diante da finitude da vida, da história, o tempo presente com a força da modernidade, que faz esquecer o passado. E a certeza da precariedade da vida e da impermanência e efemeridade da existência.

Dentro do esquema de “inquietações” analisado por Candido, uma delas se manifesta pela busca do passado por meio da família, e da terra natal. Poemas que tratam do tema da permanência dos ancestrais como “Convívio”.

E essa eternidade negativa não nos desola.

Pouco e mal eles vivam dentro de nós, é vida não
obstante. E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-
la conosco.

(ANDRADE, 2010, p.103)

A convivência com os ancestrais, a lembrança constante de Minas, não pode ser desvinculada da história do Brasil. A inconfidência é exemplar como história da dor e sofrimento, e, no entanto, não se podem reparar os males ocorridos por meio de homenagens e glórias, o que não deixa de ser uma tentativa de abrandar a dívida do presente com o passado. Por isso o verso final “Toda história é remorso” abarca essa culpa histórica que inquieta o eu- -lírico. O desgaste causado pelo tempo é a causa da melancolia e da culpa do eu lírico diante do passado que é destruído, e do qual só restam vestígios que o denunciam. Os temas família e história na obra drummondiana tornam-se uma espécie de obsessão para o poeta. A presença dos antepassados, de Itabira, de Minas e da história como resíduos que mantem no presente a matéria poética desgastada pelo tempo.

A oscilação entre ser poeta moderno e ser filho do clã patriarcal são dois eixos em que o eu-lírico transita, de forma especial em *Claro enigma*. Como a predestinação do descendente do clã mineiro no verso de “Os bens e o sangue”: “És nosso fim natural e somos teu adubo”, o que evidencia a força da família. Estas inquietudes, que são material de trabalho do poeta, “adquirem validade objetiva pelo fato de se vincularem a uma outra: a meditação constante e por vezes não menos angustiada sobre a poesia” (CANDIDO,2004, p.86) Essa reflexão sobre a poesia torna o eu-lírico melancólico, e também é matéria que constitui seus poemas, de maneira muito particular em *Claro enigma*, e giram em torno de temas que mobilizam o poeta como a dissolução, a precariedade da existência, a transitoriedade, a vida e a morte.

O olhar do poeta, sobre o passado em constante dissolução, não deixa de ser também uma reflexão sobre a modernidade como um tempo mais afeito à “dissolução e ao que é negativo e esfacelado” (BISCHOF, 2005, p.94) e por isso de difícil representação. O que resta desse olhar sobre a história é a melancolia diante

fragmentação e da inviabilidade da totalização no mundo moderno; o declínio da história e a ausência da ancestralidade. Todas questões muito caras ao poeta. Esse olhar sobre o passado, sobre a história, sobre a “morte das casas de Ouro Preto”, quando objetos que já tiveram serventia se desfazem , também podem conter uma crítica à industrialização e à alienação, quando essas casas velhas e tudo que representam, não tem mais utilidade no mundo moderno e capitalista.